

A REGENERAÇÃO

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

Semanário regionalista e cultural

Director Literário—Dr. João Leal da S. Tendeiro
Composição, impressão e Redacção, na
Tip. Figueiroense—Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:

Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo

Administração: Tipografia Figueiroense

FIGUEIRO DOS VINHOS

Soldados portugueses

CONTINUAM a seguir para as ilhas portuguesas do Atlântico—Açores e Cabo Verde—contingentes militares de diversas armas.

E' que essas ilhas, descobertas e colonizadas pelos portugueses há quinhentos anos, são, pela sua admirável posição geográfica, valiosas e apetecidas bases estratégicas para a guerra marítima.

Ninguém ousou pôr em dúvida os nossos direitos históricos. Com efeito, encontramos essas ilhas despovoadas e foi com a gente e trabalho portugueses que as valorizámos, transformando os seus campos agrestes e incultos em viçosas hortas e ridentes pomares e erguendo aqui e além cidades e povoações.

Portugal, que por amor e devoção à civilização cristã, peregrinou pelo Mundo desconhecido, fundando Impérios, não aliena a outrem os direitos de soberania no património que herdou de seus maiores. E naturalmente todos os portugueses estão concordes em que, sejam quais forem os riscos que possamos correr, sejam quais forem os sacrifícios que tenhamos de fazer, as ilhas do Atlântico serão por nós defendidas até ao limite do possível.

Não foi sem surpresa e espanto que ouvimos vozes do outro lado do Atlântico afirmarem a possibilidade de outro Estado se assenhorear dessas ilhas sob o pretexto da necessidade da sua própria defesa. A ameaça, que provocou a nossa indignação, suscitou reparos também noutros países americanos de civilização latino-cristã, designadamente o Brasil e a Argentina. Felizmente que a nossa atitude correcta de sempre e particularmente a obra diplomática de Salazar nos criaram no Mundo um lugar de prestígio e distinção. E' agradável sabermos que não estamos sózinhos, que o nosso papel histórico no passado e o nosso exemplo de ressurreição do presente são dignos da admiração e simpatia de outros povos.

De qualquer modo, mal se esboçou a ameaça, o Governo Português tomou as providências necessárias para a defesa enérgica dos nossos direitos de soberania nas ilhas atlânticas.

O povo da capital tem acompanhado com interesse e entusiasmo os embarques de tropas que partem a ocupar um posto de honra e aplaude calorosamente os soldados portugueses.

No dia 15 próximo passado realizou-se no Terreiro do Paço uma simples mas significativa homenagem a uma das unidades que partiram para os Açores — uma companhia do Batalhão de Metralhadoras N.º 1.

Perante o Sr. Presidente do Conselho e Ministro da Guerra, Dr. Oliveira Salazar, foi lida uma portaria de louvor aos soldados daquela unidade, que se recusaram todos a trocar o seu posto de vanguarda com outros camaradas seus que desejam igualmente servir a Pátria. E aquela unidade foi apresentada com uma bandeira, honra excepcional concedida a uma unidade tão modesta.

O que importa salientar é a atitude admirável dos soldados portugueses. Eles partem alegres, decididos a todos os sacrifícios para enaltecer o nome de Portugal.

O mais certo é que não passaremos das precauções. Com efeito, há poucos dias o Sub Secretário dos Negócios Estrangeiros dos Estados Unidos declarava que Portugal tinha todo o direito de conservar a sua soberania secular sobre as ilhas atlânticas e que era para o seu país motivo de satisfação saber

Um homem e uma obra

Com este titulo, sai junto a este número do nosso jornal e de que faz parte integrante, uma folha intercalar que diz respeito ao Ex.º Sr. Dr. Manuel Simões Barreiros, nosso querido director.

A redacção de «A Regeneração» acha necessário esclarecer que, do conteúdo daquela mesma folha, não teve qualquer conhecimento a direcção do jornal, pois tão somente deu lugar à sua publicação o desejo veemente que «um grupo de amigos» manifestou em, desta maneira, prestar homenagem ao Ex.º Sr. Dr. Manuel Simões Barreiros.

Banda Municipal de Aviz

Em visita à sua congénere da Casa do Povo desta vila, desloca-se até nós, no próximo dia 7 de Setembro, a Banda Municipal 1.º Dezembro, de Aviz, núcleo musical dos melhores ao Sul do Tejo, que graças à sua disciplina e bem cuidada preparação, tem merecido os mais rasgados elogios onde quer que se tem exibido. Pelo que d'Ela conhecemos, estamos convencidos que a sua vinda a Figueiró deixará uma bem agradável recordação, pois teremos ensejo de ouvir algumas, e das melhores, peças musicais do seu belo repertório.

E' de esperar — e porque se trata de uma excursão de cerca de 50 pessoas, em retribuição de uma visita que a pequena Banda da nossa Casa do Povo realizou há um ano, e em que foram muitíssimo bem recebidos — que Figueiró dos Vinhos, especialmente os Associados da Casa do Povo, não esqueçam de, mais uma vez, demonstrar o seu já conhecido espírito, cavalheiro e hospitaleiro.

que Portugal preparava a defesa das referidas ilhas.

Esta reconsideração é, quanto a nós, motivada na decisão enérgica tomada pelo Governo Português, que uma vez mais soube interpretar os sentimentos da Nação.

J. C.

“O melhor vinho”

O precioso vinho da nossa região foi classificado entre os dez melhores vinhos tintos de Portugal

A Junta Nacional do Vinho que tem a seu cargo os serviços de fiscalização dos vinhos e a função reguladora dos seus preços, tem lançado mão de todos os meios ao seu alcance já para reprimir as adulterações, já para estimular os vinicultores e melhorar as apreciáveis qualidades dos famosos vinhos portugueses.

Nesta louvável orientação tem aquele organismo publicado e distribuído gratuitamente, aos vinicultores, um semanário «Informação Vinícola», onde se colhem os melhores ensinamentos sobre tudo aquilo que ao vinicultor interessa, desde a escolha dos bicelos e plantação das vinhas até ao fabrico e conservação dos vinhos.

Na época das vindimas tem publicado de igual forma, vários folhetos com instruções sobre os cuidados a ter com as vasilhas e preceitos a observar para se obter um bom vinho e tem enviado, também gratuitamente, os seus técnicos que percorrem todo o país e vão às adegas onde se está a fabricar o vinho para prestar assistência e ensinar pessoalmente os vinicultores a pôr em prática as instruções publicadas. No mesmo louvável intuito criou, há uns seis anos, um concurso «O melhor vinho» para disputa da taça «Federação dos Vinicultores» e conquista de vários prémios e menções honrosas pelos vinhateiros que melhores vinhos tiverem fabricado e apresentado a concurso.

Para efeitos daquele concurso é o País dividido em 17 zonas (Figueiró dos Vinhos pertence à 5.ª) e os vinicultores agrupados em três categorias conforme o volume das suas produções, pertencendo à primeira aqueles cuja produção é inferior a 20 pipas de vinho; à segunda os que produzem entre 20 e 50 pipas e à terceira os que têm maiores produções.

Para cada uma destas categorias há um primeiro, um segundo e um terceiro prémios e várias menções honrosas. As colheitas de amostras para o concurso é feita pelos agentes técnicos que pessoalmente as vêm tirar às adegas e que, depois, as enviam para a sede da J. N. V. onde são analisados quimicamente e apreciadas por um júri que as classifica e lhes atribue os prémios que merecerem.

No último concurso, organizado

como todos os antecedentes por forma a dar as maiores garantias de honestidade, foi atribuído o primeiro prémio da 2.ª categoria em que concorreu, ao precioso vinho tinto da Cérca, pertencente ao ex.º sr. dr. Joaquim Augusto da Costa Simões Canova.

Mas este vinho ainda obteve uma maior distinção que foi a de ser seleccionado e escolhido como *finalista* para concorrer à taça «Federação dos Vinicultores» concurso a que nem todos os vinhos que conquistaram primeiros prémios são admitidos.

O vinho da Cérca de Figueiró dos Vinhos, conquistando uma valiosa taça de prata como finalista e porque só 10 vinhos tintos foram admitidos «às finais», classificou-se entre os dez melhores vinhos tintos de Portugal.

Tal classificação é, portanto, altamente honrosa para o vinicultor que soube fabricar tão precioso vinho e para a nossa região onde foi produzido.

Em face de tão alta distinção obtida pelo vinho de uma adega da nossa terra e porque a outras adegas de Figueiró dos Vinhos já foram concedidas «menções honrosas» ficamos convencidos de que talvez fosse viável criar um tipo de vinhos nesta privilegiada região que viesse a ser preferido pelos apreciadores da «bôa pinga» e que daria nome à nossa terra, que, certamente, se chama Figueiró dos Vinhos porque — quem sabe? — já em remotas eras onde a origem do nome se perde, o vinho do nosso querido torrão natal se distinguia pelas suas qualidades excepcionais que o tornavam apreciado entre as melhores.

Aí fica a sugestão que muito gostaríamos de ver perfilhada pelos vinicultores de Figueiró dos Vinhos que, para o efeito se poderiam agrupar com o objectivo de constituir uma grande adega regional que criasse e mantivesse aquele tipo de vinho.

N. R.—Felicitamos vivamente o vinicultor que teve a honra de obter um primeiro prémio e por ser o seu vinho a disputar «as finais». Congratulamo-nos com o facto de tão elevada distinção traduzir o alto apreço que mereceu o vinho de uma adega da nossa terra.

De regresso—De Aveiro, regressou com sua Ex.ª E.ª e filha o Sr. Sebastião da Costa Trancoso, distinto chefe da Agência da C. G. de D. C. P., da nossa vila.

—Da Figueira da Foz regressaram o Sr. Júlio de Freitas e o seu interessante netinho Armando Fernandes das Neves, e o sr. Tenente Valadão e Ex.ª Família.

—De Moledo regressou o Sr. Zito Alves da Silva.

Correspondências

Representação em Castanheira de Pera

Para agradecer ao ex.^{mo} sr. dr. Manuel Diniz Henriques, de Castanheira de Pera, os seus esforços na imprensa para a conclusão da estrada da Louzã-Belver, no sítio do Cabril, entre Pedrógão Grande e Pedrógão Pequeno, há 60 anos começada, e não acabada, com grande prejuízo para o País; no dia 16 do corrente veio a Castanheira de Pera grande número das pessoas mais gradas de Pedrógão Grande e Pedrógão Pequeno.

Recebidos muito atenciosamente por aquêle sr. começou por dizer que o remédio não estava em casa dêle, mas que, se estivesse, ou fôsse uma questão de menos capital, o remédio seria pronto.

Que tinha acabado de receber um officio da Câmara Municipal de Pedrógão Grande, de tal forma cativante que tinha de pô-lo sobre o coração para dizer o que dissesse sobre o assunto, e que se collocaria de joelhos, se tal lhe fôsse exigido, para se concluir a estrada.

Em seguida o ex.^{mo} sr. Serafim Fernandes das Neves, leu a representação de Pedrógão Grande em que, em termos elevados, se salientam os esforços do ex.^{mo} sr. dr. Manuel Diniz Henriques, agradecendo-lhes entusiasticamente.

Após a representação de Pedrógão Grande, seguiu-se o sr. Francisco Alves dos Santos, de Pedrógão Pequeno, que em nome desta vila, falou em termos repassados de gratidão e alguns cheios de angústia pelo abandono a que a sua terra fôra votada há mais de 60 anos! Desta estrada depende a vida de Pedrógão Pequeno.

Nesta altura foi resolvido nomear uma Comissão, que se encarregasse de tratar superiormente da conclusão de tão importante melhoramento recaindo a nomeação nos ex.^{mos} srs. Manuel Rodrigues e José Pires Coelho David de Pedrógão Grande, Francisco Alves dos Santos e José Antunes Xavier de Pedrógão Pequeno e o ex.^{mo} sr. dr. Manuel Diniz Henriques de Castanheira de Pera.

No final desta representação, digna de todo o apreço, alguns dos assistentes foram à Redacção do Castanhirense, tendo cumprimentado o seu Director, a quem ao mesmo tempo agradeceram tudo quanto tem feito e possa fazer em prol da conclusão da estrada.

Terminou assim a primeira jornada para ver se será desencantada a conclusão da obra em referência, ou seja a Estrada entre Pedrógão Grande e Pedrógão Pequeno.

Fazemos pois sinceros votos para que todos se unam em volta daqueles que estão empenhados neste importante melhoramento.

Incêndios: — Na noite de 17 para 18 foi manifestado um grande incêndio no lugar do Troviscal, em casa do sr. Américo das Neves, o qual se não fôsse a prontidão com que o povo daquele lugar se empenhou em dominar o mesmo poderia acarretar maior prejuízo.

— Na mesma noite foi também declarado incêndio em dois Pi-

Quem acode à capela de S. António do Cabeço do Pião?

Fomos lá no passado domingo. Era dia de festa no alto do monte.

Tivera missa cantada o santo português, que tanto lustre derá a terra onde nasceu, quasi coevo da nacionalidade.

A sua linda imagem parecia mais triste naquela tarde e o seu sorriso perene não tinha a alegria encantadora que em outras tardes de verão deixava transparecer de seu rosto macerado e do seu nicho onde está guardado, ofigurava-se-nos que o santinho se queixava do medo que tivera naquele dia medonho de Fevereiro em que o vento em tufão, lhe arrancou as telhas da sua casa pequenina, despedaçou o travejamento de castanho, ruiu as paredes e quebrou a cruz que annunciava ser santa aquela habitação, linda ermida do monte onde morava o santo de Lisboa.

Nesta casa, desmantelada assim, eu tenho medo de viver; levai-me daqui, levai-me convosco, dizia.

Quem acode à capelinha do Santo?

AGRADECIMENTO

Jerónimo Rodrigues Pinhão e família, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, agradecem reconhecidos a todas as pessoas de sua amizade e relações, que se incorporaram no funeral do seu saudoso Filho, irmão e Cunhado, Fernando Henriques, e que os acompanharam na sua dor.

nhais, sítos no lugar do Torgal pertencentes aos srs. Francisco Bernardo Coelho importante comerciante em Lisboa, e ex.^{ma} sr.^a D. Maria Serrano, mãe do nosso particular amigo e conterrâneo sr. dr. Serrano, com advocacia em Lisboa.

Festejos a Nossa Senhora da Guia: — Com pouco brilho tiveram lugar na Sapateira os festejos em homenagem a esta Santa.

Roubo: — ultimamente tem-se queixado diversas pessoas de que têm sido vítimas de ser assaltadas as suas residências, levando a criação das capoeiras. Seria interessante que os autores das proezas fôsse descoberto, evitando assim estes atrevimentos.

Mordedura de insecto: — Derivado a um insecto lhe ter mordido no peito, teve que recolher ao Hospital da Universidade de Coimbra, em perigo de vida, o sr. Alfredo Henrique dos Santos, morador no lugar do Vilar.

Castanheira de Pera, 20 de Agosto de 1940.

Exemplo a seguir

Enfilio Ramos Gonçalves e Laurentino Gomes se chamam dois dos soldados que o Chefe do Estado condecorou, com a medalha militar de bons serviços, antes da parada militar de Ponta Delgada.

Merecem narrar as razões que levaram aquêles dois militares a ganhar a medalha de bons serviços.

Homens do norte do país, achavam-se em Lisboa, com o seu batalhão, para embarcar para os Açores — quando, na rua, foram abordados por três indivíduos (um dos quais se dizia official do exército) que expuseram aos soldados teorias anti-militaristas e doutrinas marxistas.

Enfilio Gonçalves e Laurentino Gomes, não se deixando intimidar pelas ameaças do que se intitulava official do exército, logo ali, imediatamente, prenderam aquêles inimigos da Portugal — aquêles traidores à terra e ao sangue.

Exemplo a seguir por todos os militares, por todos os legionários, por todos os cadetes da Mocidade — e, numa palavra, por todos os portugueses.

Espírito Militar

Entre os militares que pelo Chefe do Estado foram condecorados nos Açores, conta-se o soldado Francisco Afonso Couto.

Qual o seu feito?

Achava-se doente, com baixa ao hospital. Sabendo que ia partir para os Açores o seu Batalhão pediu alta. Recusaram-lha os médicos. Então o soldado Francisco Afonso Couto, pondo em risco a sua saúde e também arriscando-se a uma punição revera por aquilo que, rigorosamente, era um acto de indisciplina — fugiu do hospital, apresentou-se, no seu quartel, conseguiu embarcar com o seu batalhão para as ilhas.

Interrogado, depois, acerca das razões do seu procedimento — o bravo soldado respondeu apenas que não podia ficar atrás quando os seus camaradas partiam "em missão de defesa da Pátria"

Novas taxas postais

É no próximo futuro dia um de Setembro que começam a vigorar as novas taxas postais.

Assim, entre outras alterações, as cartas começarão a levar um selo de 50 por cada 20 gramas ou fracção; os bilhetes postais simples um selo de \$30 e os jornais e publicações periódicas expedidos directamente pelos editores ou seus mandatários \$05.

Nada falta em Portugal

O racionamento da gasolina, agora estabelecido pelo Governo, não significa falta daquele combustível, que continua a existir no país, em quantidade suficiente para as necessidades normais do consumo. As medidas adoptadas pelo Governo encontram a sua justificação no facto de grande parte do público não ter sabido compreender a gravidade do momento e as responsabilidades impostas pelas circunstâncias actuais. Frisase, desde já, o critério da legislação, não impedindo o abastecimento e o trânsito dos taxis e dos carros de aluzer. As comunicações não serão dificultadas. Os automobilistas profissionais não se verão prejudicados. Procurou-se, deste modo, que o bem para todos se conseguisse com o menor mal possível para cada um.

O assambarcamento da gasolina, principal motivo das disposições officiais, deve constituir um exemplo e uma lição. É preciso que ninguém se esqueça de que o que se passou, nesse capítulo, durante a Grande Guerra, não se pode repetir agora. O Estado Novo não trouxe, apenas, mudança de homens e de ideias. As atitudes têm, também de ser outras. A organização corporativa do país vela para que nada escasseie a todos nós e nenhum tenha em demasia, em prejuizo dos outros. Nada faltará em Portugal, porque não nos faltam a disciplina e a unidade.

Pagamento de assinaturas

Foram pagas na nossa relação as assinaturas do nosso jornal referentes aos nossos amigos:

- Abílio Lopes Alge
- António Simões Braz, Brunhal Arega
- Joaquim Lourenço de Campos, Campelo
- Joaquim Henriques Rosa, Lisboa
- D. Alda da Conceição Pires, Ponte de S. Simão
- Guilherme Agria, Pombal
- José Antunes, La neirão,
- João Morais Rosa, Campelo
- José Vaz, Aldeia da Cruz
- Joaquim Simões Ladeira, Aldeia da Cruz
- Acúrcio Mendes, Vendas de Maria

Nota officiosa

A Delegação do Commissariado do Desemprego, nesta cidade, faz público que está aberto concurso, por trinta dias, para fiscais técnicos de obras de aguas e saneamentos, em regime de comparticipação pelo Fundo do Desemprego.

A estes concursos serão admitidos todos os desempregados inscritos que tal requererem ao Commissariado do Desemprego e que estejam nas condições seguintes:

- 1.º — Não constar dos respectivos registos criminal e policial qualquer condenação;
- 2.º — Quando ex-subsidiados pelo Fundo do Desemprego, não constar dos seus processos qualquer punição;
- 3.º — Não terem mais de 50 anos de idade;
- 4.º — Possuïrem como habilitações mínimas o exame de instrução primária.

São condições de preferência

- a) Terem já prestado serviço da especialidade;
- b) Possuïrem habilitações documentadas da especialidade a que se refere o programa do concurso.

Programa das matérias a versar

- a) Conhecimentos sobre áreas e volumes mais vulgares. Cálculo dos volumes de escavação u aterro em face dos respectivos perfis transversais e das distâncias entre êles;
- b) Conhecimentos gerais sobre materiais, de construção, a saber: pedra para alvenaria e para britar, areia, cimento, cal, ferro para betões e madeiras;
- c) Ideias sobre o emprego destes materiais, especialmente em argamassas, alvenarias ordinárias e hidráulicas e betões;
- d) Noções gerais sobre o fabrico de betão armado, em especial sobre o fabrico de armaduras e execução e instalação de moldes e sobre betonagem manual.

B-Assuntos de caracter especial

- a) Noções sobre captações de água por meio de drenos, minas ou poços. Medição de caudais;
- b) Conhecimento sobre canalizações de ferro fundido, fibro-cimento, ferro galvanizado, grês e cimento e sobre juntas e acessórios correntemente usados;
- c) Interpretação de um projecto de abastecimento de águas ou esgotos.

A Bem da Nação

Leiria — Delegação do Commissariado do Desemprego, em 21 de Agosto de 1941

O Delegado,

A. Igrejas Bastos

EDITAL

A Câmara Municipal de Sertã

Faz publico que, por deliberação tomada em sessão de 16 de Julho último, resolveu dar arrematação a execução da obra de:

«Construção de duas casas para residência dos Magistrados Judiciais na vila da Sertã»

Com a base de licitação de 229 000\$00 (duzentos e vinte e nove mil escudos) e nas condições constantes do caderno de encargos que se acha patente na Secretaria da Câmara todos os dias uteis das 11 às 17 horas, bem assim o respectivo programa de concurso.

As propostas serão entregues no dia 17 de Setembro das 11 às treze horas, na Secretaria da Câmara.

Câmara municipal de Sertã, 23 de Agosto de 1941

O Presidente da Câmara

Carlos Martins

Banda regimental alemã executando um concerto popular numa praça pública dum país ocupado



Um homem e uma obra

E' do domínio público que foi feita uma rigorosa inspecção à Câmara Municipal deste concelho. Essa inspecção que levou largos meses, realizada por peritos competentíssimos e de indiscutível honestidade atingiu os mais pequenos pormenores; desceu ao meticuloso exame e confronto de todos os documentos, por mais insignificante que fosse o seu valor, com a absorvente preocupação de investigar a verdade.

Como fecho de tão esgotante e proficiente trabalho foi aberto um inquérito, no qual foram cuidadas dezenas, senão centenas de pessoas formou-se, assim, um volumoso processo que foi sujeito à apreciação das instâncias superiores.

Em face de tão completa prova fornecida nos autos de inspecção, elaborada com tanta minúcia, isenção e competência, foi dada pelo Ex.mo Inspector Geral de Finanças a honrosa informação e douto parecer com a sanção de Sua Ex.^a o Sr. Ministro que, em parte, aqui se transcreve:

"A obra realizada em beneficio do Concelho pelo homem que há dez anos preside à Câmara, Dr. Manuel Simões Barreiros, é tão importante, que por mais ingratos que os povos sejam, não mais pode ser esquecida. Pode discordar-se de um ou outro acto de administração, é possível tomar à conta de favoritismo — não o afirmamos — esta ou aquela resolução da Câmara, haverá quem entenda que não devia ser aplicada a fim diferente do da reconstrução ou nova construção dos Paços do Concelho, a importância recebida das companhias de seguros, mas não resta dúvida de que em obras e melhoramentos de toda a ordem, foram despendidos os fundos arrecadados e vindos de vários lados, tendo ficado à conta das receitas ordinárias a verba de 79.212\$67 do montante de 451.287\$03, que tanto foi o que a Câmara gastou com os trabalhos referidos a fls. 129 e 130, O Estado contribuiu com a importância de 384.182\$36,,

O Ex.mo Inspector Geral de Finanças, estudou o homem e a sua obra através dos vastos e completos elementos que os autos lhe forneciam. Julgador consciencioso e de inteligência superior, dominado pela preocupação de ser justo, dignificou o homem e enalteceu a sua obra.

Tal julgamento feito por aquele que sempre foi um funcionário exemplar e de indiscutível probidade, que Salazar, conhecendo os seus méritos, foi escolhido para seu chefe de gabinete; que junto dele esteve nas horas incertas, atribuladas e angustiosas do maior perigo, na mais íntima, dedicada e prolongada colaboração; que sacrificou o seu sossego à dura mas altamente honrosa missão de o acompanhar dia a dia, na marcha ascensional e vitoriosa da sua luta, é de tão insofismável valor que a todos se impõe, até àqueles que têm pretendido conspurcar o nome, denegrir as intenções e amesquinhar a obra realizada pelo Dr. Manuel Simões Barreiros.

Transcrevendo aqui aquele parecer, nós pretendemos, ao torná-lo conhecido dos habitantes do nosso concelho, dar testemunho público do nosso maior apreço pela justa decisão que julgou os actos do Dr. Manuel Simões Barreiros e dos seus colaboradores, de entre os quais destacaremos o ex.mo Chefe de Secretaria e demais funcionários da Câmara, abrangidos pela inspecção realizada.

Pretendemos também apresentar publicamente as mais sinceras e calorosas felicitações ao ex.mo Presidente da nossa Câmara Municipal e àqueles distintos e dedicados funcionários,

Felicitando-os conjuntamente, ficamos com a certeza de que o Dr. Manuel Simões Barreiros terá em maior apreço a parte que toca aos seus subordinados do que a ele próprio, tão certos estamos, pelo conhecimento que temos do seu caracter e das suas virtudes, que mais grato lhe é o prestígio de que compartilham os seus colaboradores do que o reconhecimento público dos altos méritos de S. Ex.^a.



Dr. Manuel Simões Barreiros

E mais grato lhe deve ser ainda o pensamento de que o prestígio que envolve o seu nome beneficia o dos amigos que sempre teve a seu lado e se espalha pelo seu concelho, ao qual dedicou o melhor e mais desinteressado esforço.

O Dr. Simões Barreiros jámais se serviu da situação política que soube conquistar para se engrandecer, mas exclusivamente para conseguir o máximo de benefícios e melhoramentos públicos. E' um apaixonado pela vida onde habita e pela região que a cerca, e essa paixão tem orientado a sua vida política.

Quando S. Ex.^a fala de Figueiró dos Vinhos, das suas belezas e encantos, transparece logo das suas palavras todo o amor que lhe consagra, aquele amor transformado em saudade que Mestre Malhó, o maior dos nossos Pintores, genialmente traduziu na sua maravilhosa tela "O emigrante".

Todos os que visitam a nossa linda terra ficam presos dos encantos que a tornaram perferida do Maior Mestre da Pintura Portuguesa que aqui concebeu e realizou os seus mais belos quadros e cujo nome os Figueiroenses veneram com saudade e guardam religiosamente em seu coração.

O Dr. Simões Barreiros é um enamorado da nossa terra a que se dedica com o carinho de um filho extremo. Só assim se compreende todo o abnegado sacrificio na rude e longa luta que tem sustentado com os seus detractores e inimigos, com aqueles que sendo incapazes de fazer alguma coisa de útil em beneficio público, dedicam toda a sua nefasta actividade a combater os que são animados por um ideal superior. Luta ingrata porque é ferida contra os que se escondem na sombra, contra a inveja e contra o ódio traiçoeiro que, por vezes, se disfarça a ponto

de parecer extinto mas que está latente e à espreita da primeira oportunidade para reaparecer mais revigorado; ódio que o génio do nosso imortal Camilo classificou neste causticante conceito — "o ódio dos fracos é inextinguível, é a única força, a energia tenebrosa que lhes deu a natureza".

Essa luta começou há recuados anos quando, concluída a sua formatura em medicina, o Dr. Simões Barreiros, natural da freguesia de Campelo, veio exercer clinica na sede do seu concelho e pouco depois, se viu forçado a reagir contra a prepotência daqueles que pretendiam reduzi-lo à condição servil de comparsa de uma política pessoal e egoísta.

Sofreu então os mais duros e grosseiros insultos impunemente publicados num repugnante pasquim dessa época.

Mais tarde veio juntar-se-lhe, depois de se ter batido na Grande Guerra, o seu conterrâneo e dilecto amigo Dr. José Martinho Simões que, como estudante, conquistara as mais altas classificações universitárias, homem de estudo e de superior inteligência, advogado distintíssimo e de grande apuro moral.

A luta prosseguiu sem desfalecimentos e tão grande e rápido foi o prestígio alcançado pelo brilhante talento do Dr. Martinho Simões que em breve apresentava a sua candidatura a deputado, como republicano conservador. O resultado das urnas garantia a sua eleição mas esta não triunfou porque os políticos da sua terra movidos por mesquinhos sentimentos de inveja e ódio de insignificantes, cometeram a igrômia inclassificável de lhe roubar os votos nas assembleias do seu próprio concelho que se orgulhava de o contar entre os filhos mais ilustres e mais queridos.

Após a revolução triunfante do 28 de Maio foi para Lisboa onde marcou desde logo, nas altas esferas políticas, um lugar preponderante e de merecido destaque, um dos homens mais notáveis do nosso tempo e do nosso distrito.

Referimo-nos ao satidoso e querido Dr. Rosa Falcão, advogado que no fóro português era grande entre os maiores, jurisconsulto de nomeada pelo seu muito saber e honestidade, orador fluente e brilhante, tribuno veemente e austero, escritor vigoroso e elegante, homem de excepcionais virtudes que o cercavam de tal prestígio e de tão grande autoridade moral que a sua forte e honrada personalidade se impunha aos próprios adversários pela superior nobreza do seu carácter. Esse formoso talento que no início da revolução salvadora, foi um dos seus melhores, mais valiosos e mais activos elementos, teve nas suas mãos, como era natural, os destinos políticos do nosso distrito, do qual já havia sido Governador Civil. Conhecedor dos seus homens e dos seus valores intellectuais, activos e constructivos, deu a mão, sem vacilar, aos Drs. Martinho Simões e Simões Barreiros. Acabou então de vez, a ruinosa e torpe politica de cacicagem e de interesses particulares, e foram lançadas, com firmeza, as bases do ressurgimento do nosso concelho.

A morte, porém, cedo nos roubou aqueles dois homens ilustres que à Ditadura deram o melhor do seu esforço e do seu talento, de quem tanto havia a esperar, pois que ambos morreram novos e na pujança das suas extraordinárias faculdades mas que, para todo o sempre, viverão na memória daqueles que aqui lhe rendem o preito da sua profunda saudade.

O desaparecimento daqueles dois grandes amigos, poderia ter as mais funestas conseqüências para os destinos do nosso concelho se o Dr. Simões Barreiros não fosse daquela rija tempera dos lutadores que têm confiança no seu valor pessoal e ilimitada fé nos seus ideais superiores e que, por isso mesmo, são incapazes de se render ou de sossobrar aos mais violentos e dolorosos golpes. Continuou, sem desfalecimentos, na luta encetada com aquela fé e amor capaz de revolver montanhas, prosseguindo na marcha triunfante da sua politica de realizações.

Assim conseguiu dotar a sua linda Figueiró dos Vinhos, até então despresada dos políticos, com dois formosos jardins, localizados no coração da vila, em situação donde se disfruta um vasto e maravilhoso horizonte; assim conseguiu transformar um baldio agressivo aos olhos de quem o atravessava, povoado de silvas que emolduravam uma cadeia de mau gosto que foi removida, em local aprazível e preferido por todos os da terra e pelos que a visitam; foi explorada água abundante e pura que hoje vem canalizada de alguns quilómetros de distância para ser distribuída aos domicílios, e alimenta três lagozinhos existentes nos jardins que rega e conserva sempre frescos e viçosos. As esburacadas estradas que atravessam a vila foram regularizadas e alcatroadas; os largos principais da vila foram transformados e embelezados, dando-lhes um

aspecto que contrasta com o desprezo e miséria de outros tempos; foi construído um confortável e higiénico talho e mercado coberto para peixe, frutas e hortaliças.

Foram reconstruídos e ampliados os paços do concelho, por duas vezes vindo se hoje um bom edificio, de linhas agradáveis, onde existia um inestético casarão; foi adquirido para o município em condições altamente vantajosas (que outros políticos teriam obtido para si próprios) um vasto prédio rústico que confina com as estradas principais que atravessam a vila e que é admiravelmente situado; ali se vêm, já dois edificios em terrenos dados pela Câmara: uma escola em cuja construção o município participou e a Casa do Povo que nas suas linhas sóbrias mas elegantes e acolhedoras, evoca uma das mais belas realizações do Estado Novo. Foi erguido o edificio do hospital, que não está concluído, numa encosta soalheira, agasalhadora e desafogada, em sitio que não podia ser melhor escolhido.

Basta a simples enumeração de tantos, tão grandes e apreciáveis melhoramentos para impôr a consideração de todos o esforço inteligente, a persistência e o bairrismo de um Homem que dedicando a sua actividade politica, com desprezo e sacrificio dos seus interesses pessoais, a bem do concelho que administra, pôde transformar a sua sede numa das mais encantadoras e aprazíveis vilas de Portugal.

Mas o grande sonho do nosso Presidente da Câmara não foi completamente realizado. Ele pretendia que a casa que foi residência de Mestre Malhoa e o seu delicioso jardim onde o incomparável e genial pintor da nossa terra meditou, criou e deu vida às mais belas e preciosas joias da pintura portuguesa, fosse adquirida pela Câmara que a saberia conservar como a mais grata e afectiva reliquia e com todo o carinho que lhe merece a memoria de quem tanto illustrou o nome desta vila e amou a nossa terra. Essa aspiração, não foi realizada porque, infelizmente, houve figuretos que não podendo desculpar-se com a alegação da sua ignorância, não souberam resistir à tentadora mas bem censurável ambição de querer para si o que devia ser sagrado patrimonio municipal—O «Casulo» de Mestre Malhoa, onde, de pleno accordo com a Sociedade das Belas Artes, se instalaria um museu.

Pretendeu, também, concluir, com a comparticipação do Estado, o edificio do hospital da Misericórdia que virá a ser uma das melhores instalações hospitalares da provincia e que o benemerito dr. Simões Barreiros já dotou com um seguro de vida no valor de cem contos feito a favor daquela instituição de beneficencia. Tem pretendido ainda a edificacão de um magnifico e magestoso edificio para nele serem instaladas todas as repartições rúblicas. Mas estas aspirações têm sido igualmente prejudicadas pelos seus adversários politicos, os quais, na ansia de contrariar todos os projectos do dr. Simões Barreiros e porque vivem bem instalados na vida, esquecem que lutam contra a sua própria terra e contra os seus conterrâneos que vivem atormentados pela falta de recursos e de trabalho nesta grave crise que atravessamos; esquecem-se, porque o seu feroz egoismo os não deixa sentir a infelicidade alheia, da que a comparticipação do Estado na realizacão de tais obras que tanto valorizariam a nossa vila, distribuiria pelos operários desta terra umas centenas de contos que contribuiriam para minorar as agruras da sua árdua e constante luta pelo custeio dos seus lares e pão dos seus filhinhos.

O Dr. Simões Barreiros é que já mais esquecerá a conclusão dos projectos que elaborou como não esqueceu os interesses das freguesias que compõem o concelho que com tanta dedicacão e desinteresse administra.

Essas freguesias que estavam votadas ao mais completo abandono gosam hoje também, de apreciáveis melhoramentos.

Todas as suas sedes estavam quasi isoladas da sede do concelho pois que o seu acesso tinha de fazer-se por estradas carreiteiras, quasi intransitáveis e hoje têm estradas macadamizadas que as ligam ás principais vias de comunicacão. Com a comparticipação do Estado foram construídos edificios esportivos em Alge e Fontão Fundeiro. Foram exploradas águas para abastecimento público, foram construídas pontes, fontes, rasgadas e reparadas outras estradas de interesse secundário, mas de apreciável valor local, além de outros melhoramentos de grande interesse público que estão em curso ou em projecto.

Razões tinha, pois, o Ex.^{mo} Inspector Geral de Finanças para afirmar no seu douto parecer:

«A obra realizada em beneficio do Concelho pelo homem que há dez anos preside à Câmara, dr. Manuel Simões Barreiros, é tão importante, que por mais ingratos que os povos sejam, não mais pode ser esquecida».

Sua Ex.^{ma} soube aperceber-se, pelo estudo dos autos de inspecção, da grandiosidade dessa obra, como se apercebeu, também, da ingratidão daqueles que têm contrariado e pretendido apoucar o seu realizador.

Fazemos votos para que as palavras tão justas e tão oportunas de S. Ex.^{ma} tenham o contão de chamar à realidade os ingratos que, infelizmente, existem e de suavisar o caminho que o Dr. Simões Barreiros ainda tem de percorrer para ver realizadas todas as suas aspirações a bem do nosso concelho e dos seus municipes.

Perdoe-nos o Dr. Simões Barreiros as nossas palavras, que o julgamento da inspecção a que a sua obra e os seus actos de homem público foram sujeitos tornaram oportunas, se elas contrariam a sua modestia e o sossêgo em que gosta de trabalhar.

Chocados pelas calúnias e infâmias com que foi alvo e que deram origem à inspecção concluída com tanta honra para V. Ex.^{ma}, não pudemos resistir à tentação de tornar públicas as verdades que ficam escritas e de lhe dizer que Figueiró está consigo.

Perdoe-nos e queira receber a calorosa homenagem do nosso apreço, do nosso respeito e admiracão.

Agosto de 1941. **Um grupo de amigos**



Dr. Manuel Simões Barreiros

H. mais grato lhe deve ser ainda o pensamento de que o prestigio que envolve o seu nome bateja o dos amigos que sempre teyx a seu lado e as espaldas de seu concelho, no qual dedidou o melhor e mais desinteressado esforço.

O Dr. Simões Barreiros jamais se retirou da acção politica que soube conquistar para se engrandecer, mas exclusivamente para consequir o máximo de benefícios e melhoramentos públicos. É um apaixonado pela vida onde habita e pela região que a terra e o mar não tem orientado a sua vida politica.

Quando S. Ex.^{ma} fala de Egrejas e Vinhos, das suas belas e encantadas transparentes lagoas suas palavras são amor e carinho para com o amor transformado em estado de Mestre Malhoa, o maior dos nossos Pintores genuinamente trahuin na sua maravilhosa tela «O emigrante».

Todos os que visitam a nossa linda terra têm pressões dos seus que a tornam perfeita do maior Mestre da Pintura Portuguesa que aqui nasceu e se criou em sua terra bela e pura e que o nome os portugueses sempre veneram com saudade e guardam religiosamente em seu coração.

O Dr. Simões Barreiros é um emigrante da nossa terra e que se dedica com empenho ao bem da nossa terra e ao bem da patria. É um homem de grande critério e de grande amor a terra que tem a honra de fazer alguma coisa de bem em beneficio publico, de quem toda a sua actividade se compozer os que são animados por um ideal superior. Luta incansavelmente e com a coragem de quem se esconde na escuridão, contra a injustiça e contra o ódio transido que, por vezes se distancia a ponto

de não discutir-se de um ou outro acto de administração, e possível tomar a conta de favoritismo — não o afirmamos — esta ou aquela resolução da Câmara, haverá quem entenda que não devia ser aplicada a fim diferente do da reconstrucão ou nova construcão dos Paços do Concelho, a importação da recedida das companhias de seguros, mas não resta dúvida de que em obras e melhoramentos de toda a ordem, foram despendidos os fundos arrecadados e vindos de várias fontes, tendo tido a conta das receitas ordinárias a verba de 70.212,507 do montante de 181.287,203, que tanto foi o que a Câmara gastou com os trabalhos referidos a 127 e 130. O Estado contribuiu com a importância de 384.182,306.

O Ex.^{mo} Inspector Geral de Finanças, estudou o homem e a sua obra através dos volumes e compozer os elementos que os autos lhe forneceram, julgando conveniente a de intelligencia superior, de modo pelo procedimento de ser justo, digno e honroso e satisfazer a sua obra.

O seu julgamento não foi apenas o que sempre foi um fundamento exemplar e de indiscutível probidade de que Salazar, conhecendo os seus meritos, foi escahor para seu nome de capitão; que junto ddele esteve nas horas mais importantes e angustiosas do maior perigo, da mais tormenta, devida e prolongada colaboração; que sacrificou o seu saozego e a sua vida, altamente honrada missão de o acompanhar, e a sua vida, na marcha accionista e victoriosa da terra e de tão inestimável valor que a todos os importantes áculos que têm pretendido conquistar o nome, degnificar as intelligencias e amparar a obra realizada pelo Dr. Manuel Simões Barreiros.

Tratando-se, aqui, apenas de parecer, não pretendemos, ao torná-lo conhecido do publico, do nosso concelho, dar testimonio publico de nosso reconhecimento e de intelligencia superior, de modo pelo procedimento de ser justo, digno e honroso e satisfazer a sua obra.

O Dr. Manuel Simões Barreiros é um homem de grande critério e de grande amor a terra que tem a honra de fazer alguma coisa de bem em beneficio publico, de quem toda a sua actividade se compozer os que são animados por um ideal superior. Luta incansavelmente e com a coragem de quem se esconde na escuridão, contra a injustiça e contra o ódio transido que, por vezes se distancia a ponto

"A Regeneração,"

ASSINATURAS

Portugal e Ilhas Adjacentes:
Cada série de 24 números. 9\$50
" " " 48 " 19\$00
Este preço é acrescido do porte do correio

COLONIAS:
Cada série de 24 números. 16\$00
" " " 48 " 32\$00

ESTRANGEIRO:
Cada série de 24 números. 24\$00
" " " 48 " 48\$00

Pagamento adiantado

Joaquim J. Fernandes
Médico Municipal
Clínica geral
Doenças das crianças
Figueiró dos Vinhos

J. Rodrigues de Oliveira
Médico da Casa do Povo
Doenças de Pulmões — Partos
Clínica Geral
— Consultório e residência:—
Figueiró dos Vinhos

João Leal da Silva Tendeiro
Médico Veterinário Municipal
Clínica Geral
Operações e Vacinações
Figueiró dos Vinhos

Alvaro Amorim Pinto
Advogado
Castanheira de Pera
Em PEDRÓGÃO GRANDE: todas as segundas-feiras até ao meio dia

Banco Espírito Santo
e Comercial de Lisboa

SEDE — LISBOA

Filiais—Braga, Coimbra, Covilhã, Faro e Porto.

Agências—Abrantes, Estoril, Gouveia, Mangualde, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e

Figueiró dos Vinhos

Todas as operações bancárias

**Armazém de Ferro,
Aço e Carvão**

Alfonses António da Conceição

Pombal :-: Telefone n.º 7

Completo sortido de ferragem, ferramentas, tintas e louças

Materiais de construção

Artigos sanitários—Tubos de ferro grês e de fibro-cimento

Agente-depositário de:

Cimento LIZ—Produtos LUZALITE—CERAMICA DE TAVEIRO

Cal hidráulica MACIEIRA 24 3

- Os melhores preços -

Serviço permanente
EM

Automóvel de aluguer

Telefone 6

Alfredo David Campos

Café Central

Figueiró dos Vinhos

CARREIRA DIARIA DE PASSAGEIROS

BOLO-LISBOA

Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa

Concessionário: **Manuel Simões Barreiros & Irmão, L. da**

Sede—FIGUEIRÓ DOS VINHOS—Telefone 5

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
BOLO	—	6,00	LISBOA	—	9,00
Castanheira de Pera	6,10	6,15	Sacavem	9,25	9,25
Figueiró dos Vinhos	6,55	7,05	Vila Franca de Xira	10,05	10,10
Pontão	7,40	7,45	Carregado	10,25	10,25
Cabaços	8,10	8,15	Azambuja	10,45	10,45
Tomar	9,05	9,20	Cartaxo	11,10	11,15
Entroncamento	10,00	10,05	Santarém	11,45	12,05
Torres Novas	10,20	10,25	Pernes	12,45	12,45
Pernes	11,00	11,00	Torres Novas	13,20	13,25
Santarém	11,40	12,00	Entroncamento	13,40	13,40
Cartaxo	12,30	12,35	Tomar	14,20	14,30
Azambuja	13,00	13,00	Cabaços	15,20	15,25
Carregado	13,20	13,20	Pontão	15,50	15,55
Vila Franca de Xira	13,35	13,40	Figueiró dos Vinhos	16,30	16,40
Sacavem	14,20	14,20	Castanheira de Pera	17,20	17,25
LISBOA	14,45	—	BOLO	17,35	—

Não se efectua aos Domingos

Não se efectua às segundas-feiras

Carreira entre Bolo e Coentral

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Coentral	—	5,40	Bolo	—	17,50
Bolo	5,55	—	Coentral	18,50	—

Efectuam-se às sextas-feiras

Efectuam-se às quintas-feiras

Garage em Lisboa: **AUTO-LYZ—R. da Palma—Tel. 21363**

EMPRESA DE CAMIONAGEM

A. J. ALVES & C.ª

Maçãs de D. Maria

HORARIO DAS SUAS CARREIRAS

Pontão — Pombal

às Terças, Quintas e Domingos

	Chegada	Partida
Pontão	—	8,30
Ancião	8,50	9,00
Pombal	9,45	16,00
Ancião	16,50	17,00
Pontão	17,15	—

Cabaços — Coimbra
DIARIA — (excepto aos Domingos)

	Chegada	Partida
Cabaços	—	6,45
Alvaiázere	7,00	7,05
Pontão	7,50	8,00
Coimbra	9,30	16,30
Pontão	18,00	18,10
Alvaiázere	18,55	19,05
Cabaços	19,20	—

(Não se efectua nos dias 25 de Dezembro, 1 de Janeiro e dias de Carnaval).

A carreira **Cabaços-Coimbra**, de 16 de Maio a 30 de Setembro sai de Coimbra, meia hora mais tarde. 24-22

VENDAS A DINHEIRO Preços Fixos

A Casa do GUSTAVO

apresenta aos Ex.mos Fregueses a mais alta novidade em cortes e diferentes gótos em crepes da China para vestidos lisos, estampados e lavrados, e o crepe próprio para casamentos, tanto nacional como estrangeiro.

Organdins lisos e lavrados, tobralcões, um colossal sortido em artigos leves para verão, padrões escolhidos para esta casa. Completo sortido em meias finas Kálio, Pyramide e outras marcas todas sem defeito. Panos para lençol côr e branco camisas para homem, camisas «Limpope» - venda com garantia - colar indeformável

Chapeus de cabeça, peugos para homem e criança. Todos os ex.mos noivos e famílias que precisem comprar os vossos enxovais, com uma pequena despesa vêm a Figueiró dirigidos ao Estabelecimento do GUSTAVO, onde encontrarão o sortido completo que lhes é preciso para esses fins.

Verificar sempre o nosso sortido e confrontar os nossos preços

GUSTAVO COELHO GODET

Figueiró dos Vinhos

CAMISAS LIMPOPE

MARCA REGISTRADA

A única camisa com colarinho indeformável. A venda no Estabelecimento de **Gustavo Coelho Godet.**

Figueiró dos Vinhos

CONSULTORIO DENTARIO

A. MARTINS NUNES

DOENÇAS DA BOCA E DENTES :-: DENTES ARTIFICIAIS

Consultas aos Sábados das 16 horas em diante e aos Domingos até ao meio dia

Praça **JOSÉ MALHOA**
Figueiró dos Vinhos

Reabiu o seu consultório no primeiro domingo de Outubro

Consultório em Coimbra na Rua Ferreira Borges, n.º 8

Anibal Silveira Herdade

Figueiró dos Vinhos

R. Dr. Martinho Simões

Agente e depositário dos produtos

Lusalite — Cimentos — Cal Hidráulica

24-6

Comissões e Consignações

ANTOLOGIA Postais Ilustrados

2 Romain Rolland

Crise da puberdade

Crise da puberdade... Cris-tovão não pensava nela. Estimava-a; mas ele não ocupava nenhum lugar no seu pensamento. Ele tinha neste momento outras ocupações bem mais importantes. Cristovão já não era Cristovão. Ele desconhecia-se. Um trabalho formidável se completava nele e estava em risco de varrer, revolucionar tudo até ao íntimo do seu ser.

Cristovão sentia uma lassidão e inquietação extremas. Estava fatigado sem razão aparente, a cabeça pesada, os olhos, as orelhas, todos os sentidos inebriados e perturbados. Era impossível fixar o espírito em parte alguma. O espírito saltava de objecto para objecto, numa febre esgotante. Esta perpétua instabilidade de imagens causava-lhe vertigens. A principio, atribuiu-a a excessos de fadiga e ao enervamento dos dias de primavera. Mas a primavera passava e o mal alastrava cada vez mais.

Era aquilo que os postais, que nunca aludem a estas coisas senão duma maneira elegante, denunciam a inquietação da adolescência, perturbação de Querubim, o despertar do desejo amoroso na carne e a coracão juvenis. Como se a espantosa crise de todo o ser que vive e morre, e renasce de todas as partes, como se este cataclismo em que tudo, fé, pensamento, acção, a vida inteira, parece aniquilar-se e reconstituir-se nas convulsões da dor e da alegria, pudesse reduzir-se a uma criança.

Todo o seu corpo e alma fermentavam. Ele tentava interpretar, sem forças para a luta, com um misto de curiosidade e desgosto. Não compreendia absolutamente nada do que se dava nele. O seu ser desagregava-se. Passava dias num torpor deprimente. Trabalhar era uma tortura. De noite, tinha sonhos de chumbo, entrecortados de sonhos monstruosos, impetos de desejos: uma alma de besta apodrecia-se nele. Ardente, empastado de suor, via-se com horror; tentava sacudir os pensamentos imundos e dementes e perguntava a si próprio se não teria enlouquecido.

O dia não o punha ao abrigo de tais pensamentos de bruto. No amago da sua alma, ele sentia-se ir ao sabor da corrente; nada a que agarrar-se; nenhuma barreira a opôr-se ao caos, todas as suas armaduras, fortalezas que no quádruplo sustentáculo o rodeavam, não interpediam: o seu Deus, a sua arte, o seu orgulho, a sua fé moral, tudo desabava, se desprendia peça por peça, de si. Via-se nu, amarrado, prostrado, sem fazer um movimento, como um cadáver sobre que remexem os vermes. Tinha sobressaltos de revolta; que tinha sido feito da sua vontade, de que ele tanto se orgulhava, em vão, apalava para ela; tal como o esforço que se faz no sono quando se sabe que se sonha e se quer despertar. Nada mais se consegue senão rolar de sonho em sonho, como uma massa de chumbo, e sente-se mais sufocante a asfixia da alma encarcerada. Por fim, ele achava menos penoso não lutar mais. Tirava partido disso, com um fatalismo apático e desencorajado.

Arremessou-se sobre ela, por trás, segurou-a pelo pescoço e pelo busto, virou-lhe a cabeça para trás, meteu a boca na boca dela entre-aberta. Beijou-lhe os lábios secos e gretados, chocou com os dentes que o morderam de cólera. As

A lota

Oitenta e dois, oitenta e um, oitenta... E sempre assim, descendo no pregão... Setenta e dois, setenta e um, setenta... Se vende o peixe fresco no leilão.

De encontro às louzas frias do balcão, A' marcha do negócio orelha atenta, Apertam-se as varinas em roldão... Sessenta e dois, sessenta e um, sessenta.

O pregoeiro a todas lança a vista A pesquisar o chui que finda a cena. Quando o vulgar valor já pouco dista.

... Chui, chui... Quarenta e nove... Filomena. Fiscais febris anotam numa lista... E rompe noutro lote a cantilena.

Cascais, 1941

Francisco Pires

Falta de milho

No nosso concelho pode dizer-se, que não chegamos a registar a falta de milho.

Devido à demora do despacho de um vagão, tivemos uma semana que se notou a falta.

Hoje, podemos dizer, graças a Deus e ao sr. Presidente da Câmara, que no nosso concelho, não houve falta deste cereal base indispensável à alimentação do nosso povo.

As providências que o sr. Presidente da Câmara tomou, asseguraram o abastecimento regular do milho ao povo do nosso concelho.

Estamos no quarto vagão, dentro em pouco deve aparecer milho novo, a crise, portanto desapareceu por este ano.

E dada a forma como o sr. Presidente da Câmara se desempenhou de tão difícil emergência, cuja forma todos nós louvamos, "A Regeneração" que acompanha tudo quanto de perto nos diga respeito, não pode ficar indiferente, felicitamos pois o sr. dr. Simões Barreiros e que Deus lhe dê muita saúde, a fim de continuar à frente do nosso município, dirigindo o com senso e inteligência, como tem feito até aqui.

GELO VENDE-SE, qualquer quantidade, na Misericórdia de Castanheira de Pera.

mãos apalparam-lhe os braços grossos e camisa empastada de suor. Ela debateu-se. Ele apertou-a mais estreitamente e teve vontade de a estrangular. Ela conseguiu libertar-se, gritou, cuspiu de nojo, limpou os lábios com a mão, e cobriu-o de injúrias.

(Continua)

AGUA MOLE

Animais e crianças

Em tempo, no povo de Murtosa, um articulista escreveu:

Não é raro ver um rapazinho que acaba de fazer exame de instrução primária, e que sabe (durante os quinze dias que seguem ao exame) falar em caule, estames, em calice... apedrejar um cão porque ignora que este animal é útil à humanidade.

Nós conhecemos adultos que sabem muito bem quanto os cães são úteis, mas, não obstante, também os maltratam e, conjuntamente com os cães, os restantes animais que encontram ao alcance da mão — ou da bota.

Logo, a causa do fenómeno é tãa outra.

Quanto a nós está em que se ensina tudo quanto lembra — agricultura, astronomia, luta japonesa, civismo, botânica, etc. — mas não ocorre ensinar a única prenda aproveitável e susceptível de ter cabimento em uma escola — SER BOM!

Que enorme soma de benefícios não adviria para a humanidade se a escola fusesse o elemento educativo que podia e devia ser.

A causa da Bondade era muito susceptível de ser bem servida por essa escola e em especial a da bondade que se exerce (com imensa vantagem para os homens) sobre os seres inferiores da criação, ainda que às vezes, como vai ver-se, parece existir quem não olhe com bons olhos para tais criaturas.

(Excerto do livro inédito para um mundo melhor)

Diiz Leitão

Inglês

Lecciona-se teórica e praticamente. Quem deseja dirija-se a Dr. Alvaro Amorim Pinto em Castanheira de Pera.

Pão dos pobres Os perigos da nicotina

Este livro, sem literatura e sem arte, é por isso mesmo, profundo e sincero como certos temas de Bachthoven e Schubert. devia ser lido por toda a gente e todos os leitores que, a par de coração máquina tenham esse outro coração que é o sinal supremo da verdadeira humanidade, sentirão a necessidade urgente de bem-fazer e o desgosto de pertencerem a uma organização social em cujo meio se debatem misérias físicas e morais que, como abismo sem fundo, se abrem em frente dos olhos do leitor. O Padre Américo, com a suprema eloquência que vem directamente do coração, mostra, nas páginas do seu livro admirável, a miséria mais negra e mais trágica, essa miséria confrangedora que faz das crianças mártires inocentes e vítimas tantas vezes de pais e mães ignobis que se servem da própria miséria dos filhos para, à custa deles, viverem relativamente bem e não procurarem emprego ou trabalho que, até certo ponto, lhes permitisse não se verem obrigados a descer a tais abismos imorais. Arraçar as crianças a esse meio, dar-lhes comida, luz e ar, fazer-lhes ver no mundo o clarão bendito da esperança, transformar almas corroidas pela miséria e pelos espectáculos mais repelentes, em seres sãos de espírito e de corpo, tal é a tarefa sublime a que, há anos, se vem dedicando em verdadeira apostolo que, como autentica bênção do céu, caiu nos meus miseráveis de Coimbra e, com uma tenacidade sem limites, criou e tem sustentado uma obra que é um autentico milagre e, perante a qual, todos os espíritos bem formados reverentemente se curvam. Tendo gasto a sua pequena fortuna nessa obra, de tal modo, se soube impôr a gente da cidade em que vive, soube pedir de tal maneira e de tal maneira se soube fazer escutar que o dinheiro e as ofertas mais variadas afluiram abundantemente às mãos do Padre Américo. E assim a pequena obra inicial transformou-se naquilo que hoje se vê e que é, com certeza, a coisa mais notável que, no género, se tem feito em Portugal. A Casa do Galato, admiravelmente instalada numa pequena quinta nas proximidades de Miranda do Corvo, as colónias de férias, tudo isso obra dum homem só, é a demonstração prática do poder incomparável duma vontade enérgica servindo uma dedicação de todos os momentos. E além disso o Padre Américo tem uma confiança sem limites na caridade de outros e essa confiança, que os factos têm confirmado sempre, leva-o para ambições mais altas e assim a sua obra alarga-se, estende as suas azas protectoras a um número de crianças cada vez maior. A C. P. com uma generosidade que muito a honra, parece que lhe deu bilhete de livre trânsito em todas as suas linhas, e é de essa maneira, pode correr toda a terra portuguesa e por toda a parte colhe benefícios para a obra em que pôs toda a sua alma e toda a sua vida. Nestes tempos que vão correndo, nesta época trágica em que os valores espirituais, supremas flores de única e verdadeira civilização, criminosamente e estupidamente tem sido sacrificados às ambições mais trágicas e mais revoltantes, no meio desta loucura petrolífera que transformou o homem em algoz de si mesmo, a obra de Padre Américo toma um maior relevo e mostra-nos que, o sentimento humano, há quasi sempre notas reconditas de bondade e amor desde que um artista de raça consiga encontra-las e arranca-las das preocupações materiais da vida

Promovido pela Comissão Alemã encarregada de estudar e aplicar a profilaxia contra os perniciosos efeitos e do uso do alcool e do tabaco, realizou se em Weimar um congresso ao qual assistiram cientistas de todos os pontos da Alemanha.

Foram apresentados numerosos relatórios de investigações sobre a malignidade da nicotina, em especial, tendo o conhecido professor de medicina doutor Conti defendido a tese de que a nicotina deve ser considerada como um dos mais perigosos venenos, tanto mais que actua lentamente e só se apresenta com todos os seus nocivos efeitos, muitas das vezes, quando é já demasiado tarde para a cura.

Durante a reunião de Weimar, inaugurou se na vizinha cidade de Jena o primeiro instituto para a investigação dos perigos do tabagismo. Também, na cidade de Weimar se iniciou, por essa ocasião, um movimento de repressão ao excessivo uso do tabaco, especialmente por parte das mulheres. Um dos melhores e mais elegantes restaurantes da cidade proibiu, mesmo, às suas clientes, fumar naquêl estabelecimento.

Os meios científicos ligados aos serviços de medicina e higiene social consideram a repressão do abuso do tabaco, pelos males que causa ao organismo, tão necessária em tempo de guerra, como indispensável em tempo de paz.

"Menção honrosa"

Nos Jogos Florais realizados há pouco na Figueira da Foz, o nosso distinto colaborador e bom amigo sr. Francisco Pires, foi classificado, entre 1153 trabalhos apresentados, com duas "menções honrosas", uma na poesia lirica e outra na quadra. Felicitamos aquêl nosso amigo.

e as ansias incommensuráveis do lucro. Ele tem sido e continua a ser um desses rarissimos artistas e a sua obra, com bênção de Deus, vai ganhando a caridade para o bom caminho levando-a a entregar-se nas mãos de alguém que, conhecendo perfeitamente a autentica e verdadeira miséria, evite que ela se perca em esmolas mal orientadas e até muitas vezes em ir beneficiar criaturas que de modo algum as merecem. O livro Pão dos pobres, grido de alma que toda a gente deve escutar, é uma sinfonia maravilhosa que acordará certamente ecos simpáticos em todas as pessoas que o lerem, e muitas serão elas, felizmente. O nome do seu autor vai correndo por todo o país e a ingénita bondade de gente portuguesa, não completamente envenenada ainda pelos fumos trágicos duma falsa civilização, cada vez mais concorrerá para que a obra de Padre Américo fructifique cada vez mais e cada vez maior numero de crianças arranque as angústias da fome e ao contacto infecto das mais ignobis misérias morais.

A. R.